



Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação

Carla Beatriz Meinerz

RESUMO – Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. O presente artigo trata da prática metodológica dos grupos de discussão, analisada a partir da sua utilização em uma investigação no campo da educação. Aborda a definição, a história, a fundamentação teórica e as proposições técnicas dos grupos de discussão na tradição da sociologia crítica espanhola. Parte do pressuposto de que a opção que o investigador faz no campo teórico e metodológico reflete sua concepção de ciência e de ética na pesquisa. Apresenta um relato de sua aplicação numa investigação de doutorado, cujo objetivo foi investigar a sociabilidade praticada por jovens da periferia urbana de Porto Alegre, considerando seus jeitos de viver a escola e a inserção escolar, através da análise das memórias individual e coletiva.

Palavras-chave: **Jovens. Metodologia. Grupos de Discussão.**

ABSTRACT – Discussion Groups: a methodological option in education research. This article presents a methodological practice of discussion groups, which is analyzed starting from its use in an investigation in education area. It approaches the definition, the history, the theoretical support and the technical propositions of the discussion groups inserted in the Spanish tradition of critical sociology. The presupposal chosen shows that the investigator does in research what reflects his/her conception of science and ethics. This description also present the applications in the doctoral research whose purpose is to investigate the sociability practiced by young people living in the outskirts of Porto Alegre, considering the way they live school and the school insertion through the analyzes of their individual and collective memories.

Keywords: **Young People. Methodology. Discussion Groups.**

Introdução

Ni los grupos, ni los datos, hablan por sí solos. Hablan a través de ese nudo que es el investigador. La comprensión de esto conduce a ubicar los procedimientos en instrumentos que sirven para desenredar el nudo. Para que el investigador se desnude (Callejo, 2001, p. 10) .

O presente artigo propõe uma reflexão sobre as possibilidades de utilização da metodologia dos grupos de discussão da tradição da sociologia crítica espanhola em investigações com sujeitos jovens, caracterizando-se por uma abordagem teórica complementada pelo relato de uma experiência de pesquisa. Refere-se a um trabalho realizado em nível de doutorado cujo objetivo foi investigar a sociabilidade praticada por jovens da periferia urbana da cidade de Porto Alegre, considerando seus jeitos de viver a escola e a inserção escolar, através da análise das memórias individual e coletiva. O foco desse estudo esteve relacionado ao fenômeno de alguns jovens, entre 12 e 18 anos de idade, que vão à escola, mas resistem em participar das aulas, circulando pelos espaços institucionais ou, simplesmente, passando a maior parte do tempo no pátio, praticando suas relações grupais.

O artigo explicita inicialmente a definição do grupo de discussão dentro da sociologia crítica espanhola, como uma prática metodológica que possui historicidade própria, registrando brevemente o porquê dessa opção diante de outras experiências teórico-metodológicas em outros países ou tradições. Segue apontando os aportes teóricos e algumas questões tecnológicas da metodologia, registrando seu uso numa experiência de investigação com jovens da periferia urbana de Porto Alegre. Conclui com a apresentação de possibilidades de análise, a partir da prática dos grupos de discussão, nas pesquisas sobre jovens e escolarização no campo da educação.

A metodologia dos grupos de discussão permitiu a compreensão dos sujeitos, a partir de discursos sociais produzidos coletivamente, e que justificam suas ações dentro da escola. Abriu caminho para a reconstituição das condições sociais e ideológicas em que se desenvolveu o fenômeno investigado. Nesse sentido, possibilitou situar os relatos individuais produzidos nas entrevistas abertas dentro de um contexto social. É uma prática nascida nos estudos sociológicos e trabalhada de uma maneira específica na tradição da sociologia espanhola.

O grupo de discussão, referenciado na tradição da sociologia espanhola, consiste em uma importante prática qualitativa de análise social, na medida em que favorece uma profundidade e permite descobrir mecanismos sociais ocultos ou latentes. A entrevista aberta e o grupo de discussão apontam para algo muito precioso oferecido por esse tipo de prática investigativa, que é a possibilidade da escuta. Acredito que a postura de saber ouvir não é apenas teórica ou metodológica, mas é também uma postura política, afetiva e ética do pesquisador, assim como do educador.

Tal postura remete à concepção do pesquisador e do pesquisado como sujeitos em processo, biográfica e historicamente situados, capazes de transformarem-se ao longo da trajetória percorrida.

Ortí (2001) nos dá um exemplo claro dessa concepção de sujeito em processo, quando escreve sua biografia pessoal entrelaçada com a história da geração de sociólogos espanhóis da década de cinquenta, mostrando que o sujeito se faz na situação histórica em que vive, dentro de suas contradições e incertezas. Para o autor, “Desde el punto de vista ético y político de la razón práctica, como sujetos sociales, también los sociólogos estamos internamente divididos, atravesados por conflictos, deseos e interpelaciones contradictoria” (Ortí, 2001, p. 161).

A prática de uma escuta atenta, sensível e reconhecadora da relação estabelecida entre investigador e investigado, exige uma abertura por parte do pesquisador, possibilitando, inclusive, aquilo que Ibáñez (1989, p. 80) toma como o surgimento de qualquer “[...] emergente inesperado [...]”, algum dado ou fato surpreendente. A busca desse emergente inesperado não é o objetivo principal da entrevista aberta ou do grupo de discussão, mas ele pode acontecer e torna-se mais um elemento enriquecedor da análise.

Toda pesquisa tem, em seu processo e em seus resultados, a subjetividade daquele que investiga. Não é, portanto, um processo isento, nem neutro e nem mecânico. É o que Becker (1984) chama de modelo artesanal de ciência, que se contrapõe a uma pretensão científica de reduzir a metodologia a questões puramente técnicas. Mills (1972), da mesma maneira, afirma que a relação entre a teoria e a empiria configura-se como a prática de um artesanato. Esse modelo não despreza o rigor científico. Ao contrário, utiliza-se de métodos variados e da costura de diversos tipos de pesquisa e materiais disponíveis e públicos.

Becker conclui que

[...] se fizermos frente aos nossos problemas de método e de técnica com uma combinação de análise logicamente rigorosa e de compreensão sociológica da pesquisa como um empreendimento coletivo, talvez possamos finalmente criar uma ciência viável (Becker, 1984, p. 46).

É com essa perspectiva de uma ciência viável, política e eticamente comprometida, que desenvolvo o registro e a análise da experimentação teórico-metodológica do grupo de discussão. Sigo o pressuposto de que o saber científico é uma das formas de explicar os fenômenos da vida e as ciências sociais objetivam compreender as relações dos sujeitos que compõem esses fenômenos. Os aportes científicos, situados a partir de um ponto de vista sobre a realidade, ajudam a entender a complexidade social na qual estamos imersos, apontando para possibilidades de mudanças em nossas práticas. Entretanto, a vida em sociedade escapa, muitas vezes, às explicações científicas, e o reconhecimento de outras formas de compreensão, como aquelas advindas do senso comum, da cultura e da tradição são fundamentais, pois também compõem formas de objetivação das relações e dos sujeitos sociais.

A pesquisa em educação, concebida no campo das ciências sociais, pode ter um sentido de crítica e revisão de nossas práticas pedagógicas, na medida

em que entrelaçamos essas últimas com nossos projetos de vida e compromissos sociais. Uma investigação não terá o poder de transformar imediatamente uma realidade ou de criar fórmulas rápidas, mas poderá gerar processos de autorreflexão e autocrítica que impulsionem nossas buscas por mudanças. Historiadores como Fernand Braudel (1990) nos ensinam que as transformações de fundo, em nossas mentalidades, em nossas maneiras de ver e de agir sobre o mundo, processam-se num tempo de longa duração, reincidindo no campo da cultura.

A metodologia atinge seu sentido somente dentro do quadro de questões em que se move uma investigação. Isso requer a objetivação do próprio processo investigativo, assim como do pesquisador no momento em que busca os instrumentos mais adequados aos seus problemas. Cada recurso metodológico é estabelecido num contexto histórico e deve ser reconhecido dessa forma.

Definição e História dos Grupos de Discussão na Tradição da Sociologia Crítica Espanhola

O grupo de discussão não é uma técnica, mas uma prática de investigação que possui historicidade, assim como diferentes enfoques e pressupostos teóricos. A análise do presente artigo está fundamentada na literatura da sociologia crítica espanhola correspondente, também, a uma prática específica dessa proposição teórico-metodológica. Essa definição pelos aportes teóricos da experiência espanhola não significa o desconhecimento ou desqualificação de construções diversas em outros países como Estados Unidos e Alemanha, por exemplo. Apenas registro a imersão possível numa literatura específica a partir da concessão de uma bolsa de estudos na Universidade de Valência, Espanha. Ressalto que a literatura aqui utilizada tem aportes, por exemplo, na Escola Crítica de Frankfurt, o que gerou uma potente fundamentação teórica.

As pesquisas de Wivian Weller, que utilizam grupos de discussão com jovens do Brasil e da Alemanha, fundamentam-se com propriedade na produção e na experiência alemã. O diálogo com essas pesquisas reforça a ideia de que

A utilização de grupos de discussão como método em que os jovens conduzem a entrevista e o entrevistador busca intervir o mínimo possível, assim como o princípio de análise comparativa constante são possibilidades que permitem uma inserção do pesquisador no universo dos sujeitos e que, de certa forma, reduzem os riscos de interpretações equivocadas (Weller, 2006, p. 252).

Autores como Callejo (2001) defendem que atualmente há uma proliferação de experiências com o grupal nas investigações dentro das ciências sociais e que “[...] la propia experiencia de estudios internacionales con grupos de discusión há revelado que son más las diferencias formales que las concretas en el desarrollo de la práctica” (p. 16).

A literatura espanhola defende o grupo de discussão como uma prática qualitativa de investigação social e está inscrito dentro da chamada escola de qualitativismo de Madrid, cujos fundamentos encontram-se na produção teórico-prática de três sociólogos: Jesús Ibáñez, Ángels de Lucas e Alfonso Ortí. Diferencia-se, portanto, de outras experiências como as de tradição anglo-saxônica, por exemplo, que também utilizam métodos grupais. Tal distinção acontece na medida em que incorpora a dimensão social do discurso, buscando através de um rigoroso instrumental teórico-metodológico, explicitado tecnologicamente em intenso trabalho de campo, relacionar ações e discursos dos sujeitos sociais envolvidos.

Atualmente, os grupos de discussão ocupam um lugar minoritário no campo da investigação social espanhola, perdendo espaço para outras metodologias que primam pelo uso de enquetes de opinião, numa perspectiva apenas quantitativa. Mas, no final dos anos 70 do século XX¹, sob influência dos intelectuais citados, os mesmos significaram um forte atrativo para os estudantes de sociologia. Suas origens se situam nos anos 50, quando Ibáñez, de Lucas e Ortí reinventam uma prática que era até então utilizada nas pesquisas de mercado. Corresponde ao período em que aconteceram os primeiros enfrentamentos entre a Universidade e a ditadura franquista, fazendo com que os sociólogos vinculados a uma tradição distinta da sociologia tradicional do momento construíssem suas trajetórias fora do espaço acadêmico.

Marcada pela trágica história da República e da Guerra Civil, assim como pelo silenciamento imposto pela ditadura, essa geração de jovens sociólogos teve o mérito de forjar sua produção num contexto social de profundas transformações.

A Espanha dos anos 60 do século passado viveu as grandes mudanças sociais características da consolidação de uma sociedade de consumo de massas, resultantes da transição de um sistema capitalista baseado na produção para um sistema voltado ao consumo.

Em 1956, após ser expulso da Universidade, Ibáñez é convidado a dirigir uma consultoria de mercado que utilizava enquetes de opinião pública. Em suas atividades como investigador de mercado, Ibáñez aponta, pela primeira vez, as falhas que as enquetes apresentam na busca de elementos explicativos das mudanças sociais em desenvolvimento. Ele propõe os grupos de discussão como uma abertura qualitativa frente à dimensão simbólica da realidade social.

Ao final da década de 1960, o grupo de discussão já era uma prática consumada e consolidada nas pesquisas de mercado, constituindo-se como alternativa ao empirismo abstrato das enquetes estatísticas, próprias das pesquisas de opinião pública.

Em princípio, como técnica adequada para a investigação motivacional, o grupo de discussão começa a ser aplicado nas pesquisas de mercado para a análise dos motivos que levam os sujeitos a consumirem ou não determinados produtos. Numa sociedade em que o grupal, como âmbito de relações e de referências, tornava-se central, frente àquele indivíduo universalizado da soci-

idade industrial, a análise do social também havia de realizar-se através de situações grupais. O grupo, no caso da sociedade de consumo, exerce uma função fundamental, no sentido de que cada vez mais os sujeitos identificam-se pelas marcas compartilhadas em suas coletividades e suas opções são influenciadas pelas mesmas.

Passa-se da investigação motivacional do consumo para a investigação dos elementos ideológicos e simbólicos da realidade social, uma vez que a motivação do consumidor está articulada com esses elementos. Para reproduzir o que acontece na sociedade, reúne-se um grupo de pessoas para falar sobre um tema. Essa discussão deve reproduzir os argumentos, as ideias, as motivações do grupo social a que pertencem seus participantes, e a constituição de diferentes grupos podem proporcionar variantes discursivas componentes do discurso social mais amplo.

Ibáñez reconhece que a investigação social pode encontrar fatos (aquilo quantificável na vida social, as ações, os acontecimentos), mas, também, discursos (aquilo que os sujeitos falam ou ocultam, não quantificável). Os fatos permitem quantificar, enquanto que os discursos permitem interpretar, sendo que ambos remetem ao entendimento de complementaridade radical entre o quantitativo e o qualitativo. Parece importante ressaltar que os fatos não podem ser isolados dos relatos feitos deles, ou dos discursos, o que reforça essa indissociação, embora Ibáñez atente para a diferenciação quase que didática em termos de pesquisa. Para Ortí,

[...] discursos y hechos integran y configuran igualmente la realidad social y se reclaman mutuamente en su comprensión y explicación. 'lo que la gente me dijo me ayudó a explicar lo que había sucedido – fórmula, por ejemplo, con sencillez, Whyte en *Street corner society* (Beltrán, 1985, p. 37) [*sic*] – y lo que yo observé me ayudó a explicar lo que la gente me dijo (Ortí, 1989, p. 171).

Alfonso Ortí (2000) exemplifica a complementaridade entre as técnicas qualitativas e quantitativas, mostrando os passos que levam a uma análise relacional entre os dados estatísticos e os dados retirados da observação, das entrevistas e dos grupos de discussão. Percebe-se que os dados complementam-se entre si, levando à (re)formulação das próprias práticas de pesquisa.

A quantificação de um determinado fato social (o que vemos) pode nos dar pistas para a interpretação do fenômeno pesquisado (o que nos dizem). A observação dos fatos, o registro dos dados, a quantificação de sua recorrência, assim como a compreensão e interpretação dos discursos, constituem momentos fundamentais de explicação dos processos sociais.

Ibáñez fazia uso tanto das enquetes estatísticas quanto dos grupos de discussão, abrindo uma reflexão enriquecedora sobre os enfoques qualitativo e quantitativo.

Mesmo com o desenvolvimento desses pressupostos básicos de complementaridade, ao mesmo tempo em que se utilizavam os grupos de dis-

cussão, cresciam também as enquetes estatísticas pré-codificadas, com alternativas, previamente, norteadoras das respostas, ainda hoje hegemônicas nas investigações sociológicas espanholas.

Alfonso Ortí (1993), ao escrever sobre esse debate metodológico nas pesquisas em ciências sociais, aponta para a necessidade de colocar em evidência a estreita relação entre o aprofundamento do conhecimento sociológico e a autocrítica sistemática de suas condições de produção e de seus referentes ideológicos.

Nos anos de 1970, Ibáñez abandona a pesquisa de mercado e dedica-se a escrever sua tese, que se tornou um clássico da sociologia crítica espanhola, publicada sob o título *Mas Allá de la Sociología* (1996). O grupo de discussão começa a transcender os limites das pesquisas de mercado, e passa a ser utilizado para pensar outros campos da realidade social como a política, a participação social, a educação. Lentamente, desde os anos 1980 e 1990 do século passado, vem crescendo o número de sociólogos e a pluralidade de correntes usuárias dessa prática.

Segundo Callejo (1998), isso leva à necessidade de mudanças no sentido de adaptação dessa metodologia às sociedades atuais, que não são as mesmas que lhes deram corpo teórico e prático. A partir da fundamentação teórica inicial do grupo de Jesús Ibáñez, uma nova geração de sociólogos têm agregado outras perspectivas a essa prática investigativa, trazendo aportações de Pierre Bourdieu, por referência². Os novos intelectuais procuram recuperar o caráter crítico da investigação social mediante os grupos de discussão, já que parcela da popularização dessa prática veio da capacidade que a análise social de uma microssituação (o grupo) possui para a manipulação motivacional (dos consumidores) e para a manipulação ideológica (dos cidadãos) em uma macrosituação (a sociedade). O presente artigo constitui-se na perspectiva da nova geração, tendo como referência o sociólogo Enrique Martín Criado (1998), cujo trabalho de pesquisa versou sobre juventude e usou os grupos de discussão como referência metodológica.

A escola de qualitativismo de Madrid procura manter ainda hoje a perspectiva metodológica globalizadora e artesanal formulada por Ibáñez, cujas bases teóricas estão nos estudos da sociologia crítica fundada a partir da Escola de Frankfurt, assim como nos estudos de linguagem e da psicanálise.

Aportes Teóricos dos Grupos de Discussão

El grupo de discusión no es un grupo de discusión (Callejo, 1998, p. 21).

Há muitas técnicas que utilizam o grupal, inclusive com essa mesma denominação. Callejo (2001) aponta algumas diferenças entre, por exemplo, os grupos focais e os grupos de discussão, destacando que nos últimos há uma ênfase na interação de grupo, enquanto que nos primeiros há uma tendência

em acentuar a interação do grupo com o moderador, constituindo uma espécie de entrevista em grupo. Uma das principais características do grupo de discussão, dentro da perspectiva que propus, é que ele não interessa como grupo em si, mas como uma agrupação artificial, construída com objetivos bem delimitados, num tempo e espaço específicos. Trata-se de uma situação pública, um encontro de pessoas que não se conhecem, reunidas por uma demanda de investigação. Na oportunidade, busca-se a reprodução do discurso cotidiano do grupo a que pertencem seus participantes, com suas ideias, argumentos e motivações, relativos aos seus comportamentos sociais. Cada participante é nada mais nada menos do que o representante de um determinado discurso, sendo que sua trajetória individual tem uma importância nesse contexto.

Os grupos de discussão, na perspectiva desenvolvida pela sociologia espanhola, revelaram-se para mim como uma possibilidade incrível de acercamento à compreensão da dinâmica das relações sociais. É, no entanto, uma proposta que exige muita rigorosidade, no sentido de conhecer suas bases teóricas e logo relacioná-las entre si e com o objeto de estudo. Requer rigor e astúcia no momento de sua implementação prática, observando possíveis tensionamentos e reformulações na execução.

As três grandes áreas que fundamentam os grupos de discussão são: a sociologia crítica, a linguagem e a psicanálise, cujos aportes básicos, em relação aos grupos de discussão, são apresentados genericamente e conectados, a seguir.

Retomando o contexto de surgimento dos grupos de discussão na sociologia espanhola, vemos que nascem como técnica de investigação motivacional, no âmbito das pesquisas de consumo e de mercado. Como o ato de consumo é grupal, servindo para marcar as diferenças sociais entre consumidores, uma investigação que buscasse as motivações para o consumo, tinha de ser com grupos. A fundamentação teórica elaborada inicialmente por Jesús Ibáñez baseou-se na linguística e na psicanálise, por se tratar de uma técnica alicerçada sobre os discursos produzidos em grupo. A proposta imitava um grupo terapêutico e teve uma forte influência da psicanálise em sua formulação. As experiências pioneiras, inclusive, foram mediadas por psicanalistas, em seguida os sociólogos assumiram o papel de mediação.

Essa fundamentação teórica incipiente, no entanto, encontrou nos aportes das ciências sociais sua primazia, ao evidenciar a passagem da investigação motivacional do consumo à investigação dos elementos ideológicos e simbólicos da realidade social. Os enfoques psicanalítico e linguístico receberam um tratamento diferenciado e conectam-se irrevogavelmente a uma compreensão de sujeito e de sociedade simbólica e ideologicamente mediados.

Os clássicos da sociologia – Durkheim, Weber e Marx – romperam com a ideia de que a realidade social é transparente aos olhos do cientista social. A metodologia que engendra os grupos de discussão deve ser compreendida dentro da tradição questionadora da transparência da realidade social, admitindo a complexidade que a caracteriza e concebendo o pluralismo metodológico de articular práticas qualitativas e quantitativas.

A investigação social é parte do conflito em que interagem diferentes interpretações sociais. O pesquisador, como parte desse contexto, converte-se em um intérprete do ponto de vista do processo de construção do conhecimento científico, que é dialógico e dialético ao mesmo tempo. Para isso, deve situar-se e objetivar-se dentro de uma ou mais perspectivas metodológicas.

O termo perspectiva metodológica é utilizado por Ibáñez para caracterizar a divisão que se estabelece na investigação social, no sentido da obtenção e da explicação de dados acerca da realidade social. São três as perspectivas propostas: a distributiva, que busca basicamente a distribuição dos fenômenos numa população, cuja técnica representativa é a enquête estatística; a estrutural, que percorre as estruturas das relações sociais no interior de uma população, cuja técnica representativa pode ser o grupo de discussão e a dialética, que toma as possibilidades de transformação de uma população, cujas técnicas estão ligadas com a pesquisa-ação ou pesquisa participante. Ressalta-se que as três perspectivas não estão fechadas e relacionam-se entre si.

Alfonso Ortí (2000) exemplifica a relação entre a forma como o cientista entende realidade social (os níveis e os processos constituintes da realidade social), os níveis de consciência pessoal sobre essa realidade e os enfoques metodológicos que se pode adotar para fazer a análise social.

Numa mesma técnica podem estar incluídas diferentes perspectivas metodológicas, o grupo de discussão situa-se na área de encontro entre a perspectiva estrutural e a perspectiva dialética da investigação social, concretizando a articulação entre o qualitativo e o quantitativo. Cumpre o que Bourdieu (1999) chama de articulação entre o objetivismo e o subjetivismo, relacionada a uma maneira de conceber o mundo social que pressupõe a existência de estruturas objetivas, advindas das relações sociais construídas historicamente e culturalmente, capazes de orientar nossas práticas e nossas representações. Tais estruturas são constitutivas do *habitus* de um grupo social. Ao mesmo tempo objetivas e subjetivas, essas estruturas estão presentes e internalizam-se nos corpos e nas concretudes cotidianas, alterando-se na dinâmica das lutas diárias, individuais e coletivas, transformando-se ou conservando-se, conforme as possibilidades de ação dos sujeitos envolvidos. O investigador, como sujeito envolvido, deve entender-se nesse jogo e nesse saber que, quando fala de objetividade e de subjetividade, refere-se a uma mesma e indivisível realidade. O grupo de discussão é uma prática que procura dados para compreender essa realidade, podendo reconhecer elementos do *habitus* de um determinado grupo social, através da posição que os sujeitos ocupam no mesmo.

Para Ibáñez, não é casualidade que, nas ciências sociais, as técnicas não se articulem com a teoria, e sim com a ideologia dominante. Tanto o grupo de discussão quanto a pesquisa estatística têm como referente imediato a ideologia. O capitalismo de produção consagrou uma sociedade individual, e os sociólogos buscaram explicá-la através de dados estatísticos. Por outro lado, o capitalismo de consumo consagrou uma sociedade grupal, e os sociólogos usaram o grupo de discussão para estudá-la. A complexificação das sociedades

atuais traz novos desafios para a investigação social. Um dos grandes desafios a ser recuperado pela sociologia crítica é o de pensar a sociedade, não apenas pelo teor compreensivo e explicativo relacionado ao ofício do sociólogo, mas, também, pelo compromisso social a ele inerente. Reitera a necessidade de explorar a demanda social de qualquer investigação, retomando de Bourdieu os níveis que compõem essa explicitação, quais sejam, o epistemológico, o metodológico e o tecnológico. Para Ibáñez:

La tecnología nos da razón de cómo se hace. Pero antes de plantear el problema de cómo se hace, hay que haber planteado los problemas de por qué se ahace así (nivel metodológico) y para qué o para quién se hace (nivel epistemológico) (Ibáñez, 1989, p. 49).

O Colectivo IOÉ³ (2003), a partir da proposta de Jesús Ibáñez, reafirma o entrecruzamento das perspectivas metodológicas e dos níveis de investigação. Dessa maneira, o primeiro passo para trabalhar com grupos de discussão é explicitar os níveis que compõem a investigação. Isso significa analisar constantemente as condições e os condicionamentos sociais que afetam a pesquisa, tomando como ponto de partida o próprio pesquisador e suas relações, numa espécie de processo de autossócio-análise (Gutierrez, 2002). Ou, nas palavras de Bourdieu (1999) de objetivação do sujeito objetivante.

O objetivo principal do grupo é elaborar, na interação de seus componentes, um discurso social. Busca-se, através desse discurso, numa microssituação artificial, reproduzir elementos de uma macrorrealidade social real. Os indivíduos falam para construir o grupo, fazendo com que o mesmo não seja uma finalidade, mas uma via para compreender algo. Para Ibáñez (1989, p. 241), “[...] el grupo es una máquina de producir discursos [...]”.

O material resultante da reunião do grupo é um discurso produzido através de intercâmbios linguísticos, que são compreendidos no contexto das relações de poder simbólico, cuja base conceitual encontra-se em Bourdieu. Tal concepção considera o discurso como produto de uma sociedade e também como configurador de uma sociedade, ou seja, como ideológico. É um discurso legitimado por um grupo social que, ao enunciar-se, busca legitimação. Ibáñez (1989, p. 76) define ideologia como “[...] una lengua acotada, un conjunto de restricciones en la lengua común [...]”. A ideologia não é apenas restrição, podemos pensá-la como *habitus* falado e compreendê-la, também, como produção e como alteração de sentidos, que engendram corpos e mentes. Quando falamos, somos falados pelas ideologias que a sociedade gravou em nosso corpo, e cada ideologia está estruturada por um discurso. A grande questão é que não reproduzimos, automaticamente, nem os discursos nem as ideologias, pois ao incorporá-los, sempre, podemos acrescentar algo novo, recriando-os e alterando-os.

O discurso é um produto ideológico, nele circulam as representações sociais acerca do fenômeno investigado. Segundo Callejo, a análise de discurso, no contexto do grupo de discussão, aproxima-se das teorias da legitimação. Para o autor,

[...] se tiende a hablar, en el grupo, de manera (hiper) correcta, de lo políticamente correcto o de lo políticamente dominante. El discurso tiende a lo legitimado y, a la vez, legítima [...] (Callejo, 1998, p. 47).

Por isso, as resistências do grupo em falar, os silêncios produzidos no debate, as contradições entre o que se diz e o que se faz, são elementos fundamentais para análise.

Fundamentalmente, a análise de discurso social realiza-se em dois níveis: o textual, que busca a significação do texto produzido na reunião, e o nível contextual que persegue a conexão que esse discurso tem com o contexto social. Assim, o discurso não pode ser considerado fora das condições sociais de sua produção e de seus produtores. A análise sociológica do discurso consiste na reconstrução crítica de seu sentido ligada à contextualização histórica de sua enunciação (Rodríguez Victoriano, 2003).

O Nível Tecnológico

Para alcançar os objetivos de um grupo de discussão é preciso cumprir algumas condições básicas, que dizem respeito ao nível de funcionamento prático dessa prática:

- 1) *O Espaço*: o espaço tem um conteúdo simbólico que afeta os discursos ali produzidos. O local da reunião nunca é neutro e sempre marcará o grupo, por isso deve ser distante do cotidiano de seus componentes e, ao mesmo tempo, deve-lhes deixar a vontade, não causando inibições ou constrangimentos (como seria, por exemplo, se levássemos um grupo de favelados a um hotel de luxo para realizar um grupo de discussão). Acontece, de forma ideal, numa sala ambiente, composta por uma mesa redonda, em que os componentes possam sentar-se e enxergar uns os outros.
- 2) *O Tempo*: o grupo reúne-se apenas uma vez e tem um tempo de duração de até uma hora e meia.
- 3) *Os Componentes*: o número ideal varia entre sete e dez membros. O grupo é composto por pessoas previamente recrutadas, segundo critérios de representatividade, organizados por categorias como idade, sexo, classe social e relação com o objeto da pesquisa. Não se pode reunir, no mesmo grupo, pessoas com um grau muito grande de diferenciação hierárquica, por exemplo, professores e alunos, ou patrões e empregados. Busca-se um equilíbrio entre a homogeneidade e a heterogeneidade social. Os componentes não devem conhecer-se entre si e nem ao investigador. Todos recebem algo em troca de sua participação, um pagamento ou um presente, como forma de distanciar sujeito investigado e sujeito investigador.

4) *A Seleção e o Recrutamento dos Componentes*: a seleção e o recrutamento dos participantes são fundamentais para o bom andamento do grupo. Precedem esse momento, as observações do campo social e as entrevistas abertas, fontes importantes para a elaboração de critérios eficientes. A seleção ocorre a partir de um esboço do grupo representado pelo maior número de protótipos sociais correspondentes ao fenômeno investigado. O recrutamento não deve ser feito pelo investigador, para evitar aproximações que influam na conformação do discurso dentro do grupo. O recrutamento é um convite que deve deixar clara a situação da investigação, não entrando muito nos detalhes do objeto da mesma.

5) *O Moderador*: é o investigador, ou seja, representa a demanda social da pesquisa. Seu papel é de mediar e constroi-se nessa perspectiva dentro do grupo. Deve apresentar o objetivo da reunião e instigar o grupo a falar. Não deve emitir opiniões sobre o tema em debate, apenas confirmar o que foi expresso pelo grupo. Sua posição é de observação e de escuta, inclusive dos possíveis momentos de silêncio que se produzam no processo do grupo. Utilizam-se, com a permissão do grupo, instrumentos como gravador, filmadora ou bloco de notas. Apesar do grupo não se configurar como uma situação natural, o mediador deve valorizar a espontaneidade discursiva.

A Análise dos Grupos de Discussão

O resultado do grupo de discussão fica registrado numa gravação, que é transcrita e deve ser acompanhada dos comportamentos relevantes observados no grupo (risos, burburinhos, expressões de aprovação ou reprovação etc.). A análise, assim, está presente em todo o processo de investigação, desde a seleção dos componentes até a forma como se desenrola a discussão. Há uma análise projetada no momento em que se faz um esboço dos componentes do grupo, uma análise preliminar durante a realização das reuniões e uma síntese final.

A análise é feita baseada na articulação entre a síntese do discurso produzido nos grupos, o marco teórico em que se insere a investigação e as intuições do pesquisador. Trata-se de um processo de interpretação, de uma leitura da realidade feita a partir da escuta e da fala, com a pretensão de construir um saber científico consciente e capaz de apresentar uma forma a mais de explicar os fenômenos da vida.

Para produzir uma análise de discurso social, faz-se necessário criar alguns mecanismos de sistematização que permitam recompor os elementos centrais do discurso, assim como reconhecer as nuances que aproximam, ou que separam as diferentes posições representadas no grupo. Uma forma de sistematização é, num primeiro momento, organizar os tipos de discurso segundo a posição social de quem fala, para, posteriormente, destacar o que é mais recorrente, o consenso e o dissenso, recuperando finalmente a unidade do discurso do grupo. É impor-

tante observar que não se trata de fazer uma análise de conteúdo, nem linguístico, nem psicanalítico, mas se trata, sim, de reconstruir o sentido dos discursos em sua situação de enunciação, contextualizados em sua realidade micro e macrossituacional. Para tanto, é fundamental pensar, também, no que não é dito ou enunciado no grupo, mas aparece na prática de seus componentes, observada anteriormente. Os descompassos entre o que se diz e o que se faz são essenciais para uma análise aprofundada do fenômeno em investigação.

Os Grupos de Discussão numa Experiência de Investigação com Jovens da Periferia Urbana de Porto Alegre

O fenômeno investigado, no qual se situa o relato da aplicação dos grupos de discussão, trata dos jovens que vão para a escola e tendem a ficar circulando pelo pátio, ou por outros espaços que não os da sala de aula. Pouco se caracteriza como um fenômeno intencional ou organizado conscientemente, mas se torna cada vez mais coletivo, mais presente no discurso e na prática cotidiana da escola, podendo nos comunicar elementos dos processos de socialização ali construídos. Esses processos, portanto, resultam em ações, que nem sempre estão justificadas por um discurso organizado e partilhado intencionalmente. Aqui entra o papel dos grupos de discussão no contexto da pesquisa, que é trazer elementos desses processos de socialização, através da produção de discursos, mediados pelo investigador. Através dessa metodologia, pretendi reconhecer o discurso cotidiano, as opiniões, as atitudes, as motivações e as expectativas de educadores e de jovens que vivem esse fenômeno, cruzando-as com os dados das observações do trabalho de campo. Almejei o discurso próprio da posição social de quem fala, concretizado como resultado de suas interrelações e compreendido a partir do lugar que o sujeito ocupa em seu grupo social. Quis perceber o quadro de referência social em que se localiza esse fenômeno. Segundo Callejo, o critério de representatividade do grupo de discussão aponta para a compreensão do *habitus* aí presente, embora essa posição social não se refira apenas à sua condição de classe. Margulis e Urresti (2000) apontam para o fato de que é necessário reconhecer que o *habitus*, como memória social incorporada, é também geracional, ou seja, a experiência social vivida por alguém de 15 anos não é igual à de alguém de 35 anos.

Está presente no senso comum a valorização da escola e dos estudos como elementos importantes da vida. Na prática dos grupos populares, o vínculo efetivo com a instituição é ainda pouquíssimo consolidado. Há uma dissociação entre a alta adesão ou a importância dada aos estudos e a baixa participação dos jovens nas aulas, evidenciada no fenômeno pesquisado, assim como nos índices de infrequência, seja ela prolongada ou ocasional. Essa é a contradição fundamental mostrada pelos grupos de discussão na pesquisa em questão, entre o que se diz e o que se faz.

A explicitação das condições de produção de uma investigação é fundamental na perspectiva teórica dos grupos de discussão. No nível epistemológico, a

demanda da pesquisa nasce de minha prática como educadora, esperançosa e politicamente comprometida com a escola pública brasileira, no sentido que Paulo Freire deu a essas palavras. O campo de minha investigação foi composto por estudantes e por professores da rede pública municipal e estadual da cidade de Porto Alegre, em escolas situadas na periferia da cidade. Os critérios para a seleção dos componentes dos grupos foram construídos no próprio processo, a partir das observações e das entrevistas anteriores à formação do grupo. As observações e as entrevistas foram realizadas por mim, enquanto que o recrutamento foi realizado com ajuda de uma auxiliar de pesquisa. As reuniões foram realizadas em salas da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os componentes receberam uma recordação simbólica em troca de sua participação. Realizei três grupos de discussão: o primeiro com jovens que circulam pelos espaços escolares; o segundo mesclando jovens que circulam pelos espaços escolares com jovens que permanecem em sala de aula e o terceiro com educadores que lidam com jovens que circulam pelos espaços escolares.

Durante a pesquisa de campo, experimentei a sensação de que minha vida cotidiana transformava-se em um grande diário de campo. As lembranças pessoais de adolescência e de juventude foram revisitadas, toda a minha prática escolar e diária foi ganhando outros sentidos e trazendo novas questões, a indignação diante das desigualdades sociais de nosso país extravasou e, com ela, as questões sobre o papel da pesquisa nesse contexto. Nem sempre encontrei formas de expressar essa experiência, como se comigo também a palavra estivesse incubada (Fabbrini; Melucci, 2004), esperando o momento de revelar-se. Essa imersão no campo possibilitou o recrutamento e a seleção dos sujeitos participantes dos grupos de discussão.

A primeira etapa prevista no trabalho de campo, após o envio e a sistematização dos questionários, consistia o contato inicial, as observações e primeiras entrevistas com jovens e educadores. A seleção foi feita com base nas respostas dos questionários e com o critério de abranger uma região específica da cidade, evitando problemas de gangues opostas de jovens de regiões diversas e facilitando meu acesso aos locais de pesquisa. As primeiras escolas selecionadas faziam parte da região norte da cidade, posteriormente outras regiões foram contempladas. Essa fase não se caracterizou por observações e por descrições densas do tipo proposto pela etnografia, pois o tempo despendido não foi tão grande se comparado às pesquisas antropológicas cujos resultados tive a oportunidade de conhecer⁴. Tampouco foi uma etapa, pois aconteceu em todos os momentos do meu cotidiano, na medida em que tomei o rumo dos caminhos da pesquisa e na proporção em que trabalho numa escola municipal, na qual convivía diariamente com o fenômeno posto. Há polêmica na utilização do termo etnografia nas pesquisas em educação e dentro da própria antropologia existem críticas ao uso desse método em sociedades que não as tribais⁵. Reconheço que meu trabalho não teve a profundidade de uma prática etnográfica. Mas utilizei, e muito, pesquisas realizadas por antro-

pólogos brasileiros para ajudar a descrever a vida e o modo de viver presente nas classes populares, contexto em que crescem e se desenvolvem os sujeitos pesquisados.

Observar outras escolas foi precioso, uma experiência intensa. Constituiu-se em momento de encher as linhas de um pequeno caderno azul identificado como diário de campo e outras anotações. A cada vez que entrava ou saía de um pátio escolar, de uma conversa com algum educador ou educando, experimentava um turbilhão de sentimentos, entre eles, a dor da impotência e a força da dúvida. Examinar outras instituições, caminhar por seus pátios, seus corredores, inaugurou o tempo de lembrar da escola, de minha atuação professoral, do cenário em que nasceu esse desejo de pesquisa, vendo-a de outro prisma. A investigação social desinstala o pesquisador, pois lhe dá outros modos de conhecer e explicar a realidade. Boaventura de Sousa Santos (1996) teoriza sobre a potencialidade do conhecimento científico como autoconhecimento.

Numa fase inicial visitei quatro escolas, duas estaduais e duas municipais. Fui bem acolhida nesses ambientes e sempre que apresentei o tema da pesquisa causava comentários interessantes, do tipo “queres saber dos alunos que matam aula”, “mas também tem aqueles que estão na aula sem estar de verdade, não fazem nada [...]”. Em três das instituições escolares, obtive a afirmação de que o fenômeno de circulação dos jovens havia diminuído muito em função de iniciativas de controle disciplinar e do chamamento dos pais. Aqueles alunos que não queriam ficar na escola acabavam pulando o muro para ir embora. Com essa diminuição, ficaram circulando os alunos considerados mais problemáticos e foram esses os indicados para as primeiras entrevistas.

Minhas caminhadas pelo pátio eram seguidas por voltas nos arredores da escola, observando casas, árvores, pessoas. Cenários de periferia urbana que expressam contradições e paradoxos sociais, dado que o limite entre as mansões e os barracos, muitas vezes, não passava de uma rua asfaltada.

Cada escola, cada espaço escolar, cada pátio configura-se numa espécie de microgeografia, cujos aspectos físicos mesclam-se com os aspectos humanos e, no caso, insere-se num espaço urbano maior, simultaneamente fragmentado e articulado, caracterizado pelas contradições da sociedade e da cultura. Milton Santos (1998) afirma que o valor do indivíduo depende do lugar em que ele está, e que as condições existentes, nesta ou naquela região, podem determinar desigualdades no valor de cada pessoa, fazendo com que o morador de vilas ou aglomerações pobres seja segregado socialmente.

A organização dos grupos de discussão exigiu um esforço intenso de adaptação dos mesmos para as condições de realização da pesquisa. O primeiro grupo de discussão deveria ser apenas com jovens que circulassem pelos pátios e corredores das escolas. Formulei alguns critérios, que foram os mesmos para os grupos posteriores, registrados da seguinte maneira:

<p>Circulação</p> <p><input type="checkbox"/> circula de vez em quando pelo pátio</p> <p><input type="checkbox"/> dificilmente fica só na sala de aula, ou seja, circula frequentemente pelo pátio</p>
<p>Trabalho</p> <p><input type="checkbox"/> além de estudante é trabalhador</p> <p><input type="checkbox"/> não é trabalhador</p>
<p>Família</p> <p><input type="checkbox"/> filho de pais com trabalho</p> <p><input type="checkbox"/> sem trabalho fixo</p> <p><input type="checkbox"/> mora com pais</p> <p><input type="checkbox"/> mora com outros responsáveis</p> <p><input type="checkbox"/> quem? _____</p>
<p>Sexo</p> <p><input type="checkbox"/> homem</p> <p><input type="checkbox"/> mulher</p>
<p>Lecto-escrita</p> <p><input type="checkbox"/> domina a leitura e a escrita</p> <p><input type="checkbox"/> escreve e lê com dificuldades</p>
<p>Idade</p> <p><input type="checkbox"/> está na idade escolar correspondente</p> <p><input type="checkbox"/> está fora da idade escolar</p>
<p>Assiduidade na escola</p> <p><input type="checkbox"/> vem todos os dias à escola</p> <p><input type="checkbox"/> não vem todos os dias à escola</p>
<p>Inserção social</p> <p><input type="checkbox"/> participa de algum movimento fora da escola:</p> <p><input type="checkbox"/> grupo de música</p> <p><input type="checkbox"/> gangue</p> <p><input type="checkbox"/> igreja</p> <p><input type="checkbox"/> narcotráfico</p> <p><input type="checkbox"/> outros</p>
<p>Acompanhamento médico especializado</p> <p><input type="checkbox"/> sim qual? _____</p> <p><input type="checkbox"/> não</p>
<p>Rede de ensino</p> <p><input type="checkbox"/> escola municipal - ciclada</p> <p><input type="checkbox"/> escola estadual - seriada</p>
<p><input type="checkbox"/> Ex-aluno que continua vindo para a escola</p>
<p><input type="checkbox"/> Jovem que não é da escola mas fica no pátio</p>
<p><input type="checkbox"/> Pula o muro da escola para poder entrar</p>

No recrutamento desses jovens logo surgiu a questão: “por que nós”, “os bagueceiros”? Martín Criado (1998), ao utilizar grupos de discussão em sua pesquisa sobre juventude, aponta que as dificuldades práticas da seleção e da captação dos membros do grupo introduzem sempre uma indeterminação nas características dos participantes. Essa indeterminação pode ser controlada *a posteriori* com a aplicação de um breve questionário ao final da reunião do grupo. Seguindo essa orientação, preenchi, com os jovens, uma ficha que nada mais era do que a marcação de alternativas, conforme os critérios acima relacionados.

Para a realização dos demais grupos de discussão, optei por adaptar a metodologia à realidade da minha investigação, levando em conta os tensionamentos produzidos durante a implementação. Uma das características dessa realidade é o fato de que as escolas e as comunidades, em geral, no Brasil, têm pouca relação com a pesquisa em seu cotidiano. As escolas, por um lado, esperam resultados que orientem sua ação futura e as comunidades, representadas pelos familiares dos jovens, por outro lado, esperam oportunidades concretas para seus filhos (orientações, cursos etc). Aliado a isso, embora utilizando uma generalização que pode ser polemizada, temos a questão do vínculo e do afeto como fatores centrais de nossa cultura. Com uma prática tão diferenciada, na qual os componentes do grupo não podem se conhecer entre si, nem ao investigador, essas características criam obstáculos. Por isso, remodelei a forma de aproximação dos pesquisados, querendo um contato mais direto, que explicitasse o que é uma pesquisa, quais os objetivos da reunião do grupo, ganhando a confiança de seus componentes. Dessa forma, os elementos da trajetória individual de cada componente, que na proposta original dos grupos de discussão são secundários, tornaram-se igualmente importantes para mim, o que resultou na realização de entrevistas abertas com os participantes dos mesmos.

Inicialmente apresentava a pesquisa nas escolas, via telefone ou pessoalmente. Selecionava, em conjunto com os educadores, algum jovem com base nos critérios e entrava em contato com o mesmo, entregando a autorização para ser assinada por algum responsável e pegando telefone ou endereço para posterior confirmação junto à família. Os estudantes receberam fichas de vale-transporte para se deslocarem até a Faculdade. No domingo anterior ao encontro do grupo de discussão, eu ligava, (para os que possuíam telefone fixo ou celular), confirmando a participação do jovem na reunião do grupo, e esclarecendo aos responsáveis os objetivos da pesquisa. Alguns familiares agradeciam o convite, outros pediam ajuda com frases do tipo “tomara que essa palestra ajude esse menino”, ou “se a senhora souber de alguma bolsa ou algum curso para ele...”, demonstrando sentirem-se importantes por essa participação. Em um dos telefonemas, quando citei o nome do jovem convidado, ouvi o avô gritando “oh, fulano, é da escola, devem estar atrás de ti, porque tu não aparece mais...”. Enfim, a reação ao convite para participar dos grupos também se tornou objeto de análise, uma vez que pude ir compreendendo alguns elementos da relação das famílias com as escolas, como o fato de sentirem-se cobrados incessantemente ou de envergonharem-se pela não adaptação de seus filhos.

Os três grupos fizeram-me compreender a potencialidade dessa prática de pesquisa, pois forneceram um material riquíssimo para análise. Formatei os grupos do modo mais simples possível, buscando seguir as orientações básicas das leituras que realizei. Como recurso tecnológico, utilizei apenas o gravador, apesar de saber que existem experiências com filmadoras, com salas nas quais observadores podem acompanhar o grupo do lado de fora etc. Alfonso Ortí, sociólogo fundador dessa prática de investigação na Espanha, ao ser questionado sobre sua opinião a respeito do uso dessas novas tecnologias⁶, afirmou que o fundamental não está aí, que um gravador basta para que um ótimo trabalho de pesquisa seja feito. A análise dos grupos foi feita após a transcrição das fitas e pautou-se pela construção de um informe inicial, no qual

foram registradas as ideias principais levantadas no grupo, recorrentes nas falas, os conflitos e os consensos. O informe, coordenado por Alfonso Ortí (1983), de uma investigação sobre a despenalização do aborto, foi o exemplo que tive para a confecção de meus próprios informes. Já o livro de Martín Criado (1988), que é a sua tese de doutorado e trata do tema juventude, foi minha inspiração na forma de citação e de utilização dos grupos ao longo da escrita e da análise.

As Possibilidades da Análise a Partir dos Grupos de Discussão na Pesquisa em Educação

A utilização dos grupos de discussão pressupõe a análise dos discursos sociais, ou seja, o reconhecimento das falas dos componentes como representativas de um contexto social maior, por um lado, e o estabelecimento de conexões das mesmas com as práticas cotidianas, por outro lado. Realiza-se em dois níveis: o nível textual que busca a significação do que foi produzido na reunião, e o nível contextual que conecta esse discurso com o contexto social. Assim, o discurso não pode ser considerado fora das condições sociais de sua produção e de seus produtores.

Produz-se uma espécie de mapa discursivo com diferentes perspectivas sobre o assunto. Tudo depende da posição social do sujeito, no caso dos jovens pesquisados, a principal variante esteve relacionada ao fato de eles circularem, ou não, pelos espaços escolares. Foram três os discursos mapeados em minha análise: o dos jovens que circulam pelos espaços escolares, o dos jovens que permanecem em sala de aula e o dos educadores. O resultado da análise dos discursos permitiu contextualizar as opiniões, as atitudes, as vivências, as expectativas e as avaliações a respeito da escola e sobre essa circulação ou abandono da sala de aula, buscando o sentido atribuído às práticas nesses espaços.

Optei por fazer a análise reunindo elementos dos discursos produzidos nos grupos de discussão e nas entrevistas, procurei chaves para entender o fenômeno investigado, a partir de elementos unificadores e diferenciadores da ação. Entre os jovens, destaquei a existência de um descompasso entre o enunciado consensual que afirma a escola como local de conhecimento fundamental e a ação divergente de circulação que evidencia a prática da sociabilidade como prioritária nesse espaço. A socialização produzida na relação familiar e comunitária ressaltou-se como elemento diferenciador na consolidação da escolha entre ficar, ou abandonar a sala de aula. Entre os educadores, resaltei o descompasso entre o reconhecimento da necessidade de mudança de atitudes em relação aos jovens e a ação que se produz num espaço institucional que busca, prioritariamente, a socialização através da transmissão de conteúdos sistematizados, regras e normatizações.

Os grupos de discussão revelam-se como uma possibilidade metodológica diferenciada, para a compreensão dos fenômenos investigados no campo da dinâmica das relações sociais presentes na educação escolar. Através dessa metodologia pretende-se reconhecer o discurso cotidiano, as opiniões, as atitudes, as motivações e as expectativas dos sujeitos que vivem os fenômenos educacionais, cruzando-os com outros dados das observações e do trabalho de campo.

Recebido em outubro de 2010 e aprovado em março de 2011.

Notas

- 1 As datas relativas à história dos grupos de discussão na tradição da sociologia espanhola são todas relativas às décadas que se sucedem a partir da metade do século XX, especificadamente, a partir dos anos 50 até a primeira década do século XXI.
- 2 As aportações de Bourdieu dizem respeito à sua teoria social expressa no conceito de *habitus*, que se define como um sistema de princípios geradores de ações e de discursos. Tal sistema é incorporado ao longo da história do indivíduo, através da inscrição no grupo social a que pertence. Essas aportações implicam uma discussão em torno da dimensão social da linguagem. Fundamentalmente, Bourdieu alerta para a tarefa de análise do pesquisador, atentando para o fato de que se deve cuidar para não usar diretamente as falas dos sujeitos pesquisados, sem torná-las objeto de investigação, caindo nas armadilhas do *ilusão*, a ilusão da transparência.
- 3 O COLECTIVO IOÉ é uma organização que reúne sociólogos com a finalidade de prestar assessorias, produzir publicações e realizar investigações. Vincula-se à sociologia crítica espanhola e tem uma tradição consolidada na prática dos grupos de discussão nesse país. Maiores informações no site: <www.colectivoioe.org>.
- 4 Como exemplo de pesquisas antropológicas que usam a etnografia, cito Cláudia Fonseca (2004).
- 5 Fonseca (2004) trata dessa polêmica defendendo o uso do método em suas pesquisas em bairros populares de Porto Alegre, no sentido em busca as alteridades.
- 6 I Seminário Internacional de Sociologia Crítica, Valência, maio de 2003.

Referências

- BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. **O Ofício do Sociólogo**: preliminares epistemológicas. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. Lisboa: Presença, 1990.
- CALLEJO, Javier. **El Grupo de Discusión**: introducción a una práctica de investigación. Barcelona: Ed. Ariel, 2001.
- CALLEJO, Javier. Articulación de Perspectivas Metodológicas: posibilidades del grupo de discusión para una sociedad reflexiva. **Papers - Revista de Sociología**, Barcelona, n. 56, p. 31-55, 1998.
- COLECTIVO IOÉ. Investigación Acción Participativa: propuesta para un ejercicio activo de la ciudadanía. Madrid: texto digitado, 2003.
- FABRINNI, Ana; MELUCCI, Alberto. **A Idade de Ouro**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004.
- FONSECA, Claudia. **Família, Fofoca e Honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GUTIÉRREZ, Alicia B. **Las Prácticas Sociales**: una introducción a Pierre Bourdieu. Madrid: Tierradenadie, 2002.

IBÁÑEZ, Jesús. Perspectivas de la Investigación Social: el diseño en las tres perspectivas. In: IBÁÑEZ, Jesús. **El Análisis de la Realidad Social** – métodos y técnicas de investigación. Madrid: Alianza Editorial, 1989. P. 57-98.

IBÁÑEZ, Jesús. **Más Allá de la Sociología** – el grupo de discusión: teoría y crítica. Madrid: Siglo XXI, 1996.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La Juventud es más que una Palabra. In: ARIOVICH, Laura et al. **La Juventud es Más que Una Palabra**. Buenos Aires: Biblos, 2000. P. 13-30.

MARTÍN CRIADO, Enrique. **Producir la Juventud**: crítica de la sociología de la juventud. Madrid: Istmo, 1998.

MARTÍN CRIADO, Enrique. Los Decires y los Haceres. In: **Papers - Revista de Sociología**, Barcelona, n. 56, p. 57-71, 1998.

MILLS, C. Wright. Do Artesanato Intelectual. In: MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1972.

ORTÍ, Alfonso. La Apertura y el Enfoque Cualitativo o Estructural: la entrevista abierta semidirectiva y la discusión de grupo. In: ORTÍ, Alfonso. **El Análisis de la Realidad Social** – métodos y técnicas de investigación. Madrid: Alianza Editorial, 1989. P. 153-185.

ORTÍ, Alfonso. La Perspectiva Cualitativa en la Investigación Social: el grupo de discusión y la entrevista abierta como prácticas concretas. In: **Materiales del Curso UNED Ávila**, 1993.

ORTÍ, Alfonso. En el Margen del Centro: la formación de la perspectiva sociológica de la generación de 1956. **RES**, Madrid, n. 1, p. 119-163, 2001.

ORTÍ, Alfonso; LUCAS, Àngels de. **El Trabajo de Análisis y los Estilos de Decodificación de Textos y Discursos**. Seminario del Departamento de sociología y antropología social. Universidade de Valencia, 2000.

RODRÍGUEZ VICTORIANO, Jose Manuel. **Los Discursos Sobre el Medio Ambiente en la Sociedad Valenciana (1996-2000)**. Valencia: Universitat de Valencia (Quaderns de Ciències Socials), 2003.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Um Discurso sobre as Ciências**. Lisboa: Afrontamento, 1996.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Nobel, 1998.

WELLER, Wivian. Grupos de Discussão na Pesquisa com Adolescentes e Jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 241-260, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a03v32n2.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2011.

Carla Beatriz Meinerz é graduada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na área de Didática e Ensino de História.

Email: carlameinerz@gmail.com